

## A ANÁLISE DO DISCURSO

A Wilson Guarany este texto provisório do amigo  
Luiz Costa Lima

### 1. A mimese e o referente

A preocupação com a linguagem não é nem um fato contemporâneo, nem peculiaridade de certa corrente filosófica. Para o Ocidente, ao contrário, ela se confunde com o aparecimento do cidadão grego, enquanto elemento capaz de, pelo debate, participar das decisões da *polis*. "Era a palavra que formava no quadro da cidade, o instrumento da vida pública" (Vernant, 1962, 36). Daí o papel histórico desempenhado pelos sofistas. Inauguradores do estudo da retórica, a linguagem era, para eles, território a ser conhecido para que aos cidadãos se ensinassem as armas da persuasão. Sem dúvida, os sofistas assim se mostravam interessados apenas pela função pragmática da linguagem. Contudo, mesmo no mundo grego, a restrição é ultrapassada. As reflexões de Platão e Aristóteles sobre a linguagem não a tomam apenas como *techné*, mas sim como meio de conhecimento.

Ora, ultrapassada a restrição dos sofistas, deveríamos então dizer que a atenção prestada à linguagem forma um contínuo, que se desenrola até nossos dias? Fazê-lo, seria professar um historicismo ingênuo. Na verdade, entre os dois pólos considerados, a filosofia clássica grega e a reflexão contemporânea, se intercala um hiato. Sucintamente, a modo de hipótese a ser demonstrada, diremos: para o pensamento grego e, a grosso modo, pré-saussuriano, somos seres da linguagem, enquanto, a partir da tradição aberta por Saussure, Freud e Lévi-Strauss, somos seres na linguagem. O que, entretanto, significa "somos seres da linguagem"? Em aproximação imediata, que há um real antes da linguagem, que serve de critério de aferição para determinar-se o caráter de veracidade/falsidade do dito. Para mostrá-lo, utilizaremos o ensaio de Derrida, na parte referente às relações entre metáfora e filosofia, em Aristóteles.

Para o pensador grego, a metáfora tem um estatuto semelhante ao da *mimesis*: "... as palavras (*onomata*) são uma imitação (*mimemata*) e a voz é de todo os órgãos aquele que melhor se presta à imitação (e *phonè pantôn mimekôtaton tôn moriôn*)" (*Retórica*, livro III, cap. I, in: Derrida, 1971, 24-5). Assim como a *mimesis* é a figuração da correspondência com

algo anterior, seja por seu modo inferior (a verossimilhança externa), seja por seu modo privilegiado (a verossimilhança interna), assim também a metáfora é uma figura cuja veracidade, i.e., rendimento, depende da delimitação do sentido próprio de que deriva. Conforme interpreta Derrida: "Um nome é próprio quando só tem um sentido. Melhor, é apenas neste caso que é propriamente um nome. A univocidade é a essência, ou melhor, o *telos* da linguagem" (Derrida: idem, 32). O que vale dizer, uma metáfora é imprópria quando o sentido próprio é indeterminado. É o que sucede com as metáforas heliotrópicas. Como o sol, enquanto sensível, é difícil de ser conhecido, as metáforas daí geradas não são dignas de confiança (cf. Aristóteles, *Tópicos* e Derrida, 35). Servirão apenas para os campos menos rigorosos, como o da poesia. Pois a metáfora seria um instrumento hábil, mas subordinado. Por isso, Platão aparece como criticável a Aristóteles: a filosofia trairia sua busca da verdade ao se contentar com formulações fundadas em instrumento imperfeito.

Em que pressuposto pois assentam as afirmações aristotélicas, senão em que é possível um conhecimento do real aquém da linguagem? Em palavras mais precisas, a pergunta pela essência de um fenômeno implica a procura de, *pela linguagem*, sair-se da imprecisão própria à linguagem. O que vale dizer, ainda, entre a generalidade do mundo e a linguagem se interpõe o *referente*, que deita sua sombra sobre o nome próprio. Se só podemos dizer do mundo pela linguagem, a linguagem entretanto se acerca/se afasta do mundo à medida que dispõe/não dispõe de um referencial, i.e., de uma concretude capaz de fundar a propriedade do nome. É por meio deste enfoque, nascido da reflexão de Derrida mas sem contar com seu endosso explícito, que, por conta própria, afirmamos Aristóteles preso à problemática do referencial. No próprio Derrida entretanto encontramos apoio para nossa conclusão: *physis*, *mimesis* e *logos* se apresentam, no grego, numa relação de continuidade (Derrida, *ibidem*, 24). *Logos* então pode analisar os enunciados de sua própria voz e, entre eles, escolher a palavra que diz da *physis*, o nome próprio. Pelo representante de *logos*, o filósofo *olha* as coisas, como na gravura com que Vico ilustrava a abertura dos *Principii* (ilustração), e, voltando-se para a linguagem, descobre a palavra *adequada*.

A partir da elucidação anterior, formulada de modo ainda grosseiro, compreende-se, por sua vez, o que significa "ser na linguagem". Ela implica a impossibilidade de sair-de do círculo da linguagem. Glosando o título de Heidegger, homens do bosque estamos imersos nas "sendas perdidas". O real não é o anterior à linguagem ou o que resta fora da linguagem. O real é *recortado* pela linguagem, ele é à medida que nela se encontra. Se o real não é então sempre o mesmo é porque tampouco a linguagem é sempre a mesma (a respeito, ver as relações entre linguagem e silêncio in Luiz Costa Lima (LCL): 1973, cap. VI).

Mas o que tudo isso significa? Por acaso que, imersos em um enorme buraco, tanto mais imenso quanto simbólico, não temos condições de conhecimento? Sem dúvida, à passagem de ser da linguagem para a po-

sição de ser na linguagem corresponde o aumento da margem de incerteza do conhecimento. Talvez estejamos à beira de um mundo cujas dimensões significativas desconhecemos. O matemático Martin Gardner o percebe ao afirmar que "a ciência moderna deveria despertar em todos nós uma humildade diante da imensidão do inexplorado e uma tolerância para com as hipóteses malucas (*crazy hypothesis*)" (*Time*, 1973, 34). De qualquer modo, esta sensação de insegurança e de tolerância não se confunde com uma afirmação de niilismo. Inseguros, talvez sejamos mais seguros. Pois já não contamos com a falsa moeda do referencial. Entre a *physis* e a linguagem não se intercala passagem alguma. Se, como observava Bachelard, a metáfora constitui um obstáculo epistemológico é porque a *naturalizamos*, i. e., nos desviamos de nossa condição de ser na linguagem e confundimos um dos meios desta interioridade com uma substância (sobre o obstáculo substancialista, cf. Bachelard, 1938, caps. IV e VI).

Como, entretanto, seres na linguagem podemos aspirar à condição de seres de conhecimento? Para respondê-lo, precisamos lembrar o que significa a posse de conhecimento na condição indissolúvel de seres mergulhados na linguagem. Significa que o êxito/fracasso de uma experiência não diz do êxito/fracasso da hipótese que se testava. Uma hipótese nasce de uma teoria, explícita/implícita, e uma teoria só é validada/invalidada por outra teoria. Isso quer dizer: não é pelo referente (o real sobre que se experimenta a hipótese) que se declara a veracidade da linguagem, mas sim por outra linguagem, a da teoria contraposta.

Aqui chegados, podemos compreender por que dissemos que a análise do discurso não é um capítulo em uma história contínua da reflexão sobre a linguagem. Ela, ao contrário, supõe: a) o corte com a idéia de referencial, b) o aproveitamento e a simultânea diferenciação de uma abordagem tipicamente lingüística.

Quanto ao ponto (a), a discussão anterior é suficiente, apenas devemos acrescentar que é por F. de Saussure que a lingüística rompe com a tradição clássica. O *signo* não é o representante portátil da coisa. É uma entidade simbólica, que não se deixa compreender mediante sua comparação com o simbolizado, pois seu entendimento só se cumpre a partir das relações estabelecidas dentro do sistema a que pertence. Não saberemos nada sobre o signo "árvore" comparando-o com a coisa nomeada, mesmo porque o correspondente a "árvore" noutras línguas não cobre, obrigatoriamente, a mesma área semântica. Algum resultado só será viável pela abordagem do signo nas codificações em que se integra (fonológica, morfossintática, semântica, textual, cultural).

Quanto ao ponto (b), em troca, novos esclarecimentos não de ser formulados. Basicamente, eles dirão respeito à caracterização dos componentes do signo em lingüística e na análise do discurso.

## 2. Situação do signo na lingüística saussuriana

O signo já não se caracteriza pela "vocação" de dizer a realidade, mas sim pela faculdade de produção do real. Ela se efetua pela combina-

ção de duas peças, o significante e o significado, pertencentes a ordens heterogêneas, a ordem da materialidade natural, a ordem da conceitualidade cultural. O ser extraído da ordem material — a ordem acústica no caso do signo verbal — significa entretanto que o significante com ela se confunde? Embora o entendimento de Saussure seja obscurecido por muitos de seus seguidores e pelo descaso usual dos lingüistas pela semântica, podemos entretanto compreender que o significante saussuriano não é idêntico à simples materialidade sonora. O significante é "imagem acústica" (Saussure, 1916, 99). A idéia de imagem entretanto não é perfeita. Por ela entendemos que o significante já é da ordem do simbólico, mas ficamos sem saber como exatamente aí se inscreve. O cotejo com outras passagens então se impõe. Assim, realçando a idéia de valor criada pelo signo, escreve: "Se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo de sua parte material. O que importa na palavra não é o próprio som, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir esta palavra de todas as outras, pois são elas que trazem a significação" (Saussure, 1916, 163). Ou seja, Saussure nota que o significante, embora guardando sua vinculação com a materialidade, dela se distingue porque supõe o princípio da diferença fônica. Esta, por certo, tem uma base material, acústica, mas a sua escolha, demonstrada pelo fato de os fonemas não serem os mesmos para todas as línguas, é produto de uma codificação cultural. Contudo, mesmo levando em conta a importância da distinção entre significante e mera materialidade, o estabelecimento saussuriano ainda deixa uma interrogação no ar. Se a diferença, como nos diz a passagem acima transcrita, se dá tanto no âmbito do significado, quanto no do significante, não seria portanto a materialidade do segundo que radicalmente o diferenciaria? A consulta ao próprio *Cours*, ao menos na versão até hoje divulgada, não nos permite ultrapassar a dificuldade. Para fazê-lo, creio necessário estabelecermos uma distinção entre duas categorias, a de *descontinuidade* e a de *diferença*. Sucintamente diremos: o significante é função da descontinuidade estabelecida sobre o contínuo sonoro. Esta descontinuidade é condição da socialização do homem, em sua fase de criança. Na etapa anterior à socialização, durante o balbúcio, a criança é capaz de proferir qualquer som humanamente concebível. À medida que ela se assenhoreia do universo fonológico de sua língua, perde proporcionalmente esta possibilidade de expressão infinita. Socializar-se é pois ingressar na finitude de um universo cultural.

A descontinuidade aludida é, por sua vez, condição para a diferenciabilidade do ser articulado. Uma coisa entretanto não se confunde com a outra. A descontinuidade *pre-vê* a diferença, i. e., é o *suporte formal* da diferença. Posso distinguir 'pet' de 'pat' sem considerar sua face semântica, simplesmente por efeito da oposição estabelecida entre [e] e [ae]. Esta oposição é efeito de uma descontinuidade conhecida pela regras de *competência* atualizadas pelo falante do inglês. A descontinuidade conduz uma sombra, a da diferença, que é o preenchimento semântico do suporte

formal. Diremos pois que, no significante, lingüísticamente considerado, a descontinuidade domina sobre a diferença: Significante: Descontinuidade

Diferença

O significado, de sua parte, supõe a inscrição significante e atualiza uma parcela de sua diferença. Por parcela, queremos dizer que o significado, que, em certo ato de fala, um signo apresenta, não esgota a sua constituição sêmica; é uma atualização restrita. Daí mesmo nascem os e- quívocos, companheiros permanentes da fala cotidiana.

A descrição se impunha para verificarmos a distinção que o tratamento do signo recebe em lingüística e na análise do discurso. A lingüística mantém em segundo plano a diferença do significante e concentra seu esforço na apreensão primeira da descontinuidade. Não por acaso foi a fonologia o primeiro campo da lingüística pós-saussuriana a se desenvolver.

Não foi tampouco por acaso que a teoria chomskyana se estabeleceu como uma teoria sintática. Em ambos os exemplos, é o critério de dominância da descontinuidade que permanece. Isso implica seja a não existência de uma teoria semântica, no caso da fonologia, seja a dependência da teoria semântica do prévio delineamento sintático. Quanto à fonologia, o que dissemos não parece estabelecer discussão. Quanto à teoria chomskyana, na falta de maior desenvolvimento, damos a palavra ao próprio lingüista norte-americano: "Uma teoria lingüística particular deve especificar o conjunto de descrições sintáticas possíveis para as sentenças de uma língua natural. **Uma medida do êxito e do rigor da teoria gramatical em questão é fornecida pela extensão da concordância entre estas descrições sintáticas e as condições que, como sabemos, devem aplicar-se às interpretações semânticas**" (Chomsky, 1966, 10, grifo meu).

A situação se inverte ao passarmos para o âmbito das ciências propriamente do discurso, de que a psicanálise e a antropologia estrutural constituem as primeiras manifestações. Trata-se agora, de maneira mais premente que na lingüística, de descobrir o efeito presente de uma cadeia que, por ser paradigmática (formada por relações *in absentia*), não se mostra presente, i.e., não se instala na cena sintagmática (a dos encaixamentos frásicos efetivos). Em seu estado normal, sujeito às trocas de mensagens, o discurso se mostra como uma combinação de signos, em que prepondera a cadeia do significado. Esta é aquela em que o signo apresenta o seguinte regime:

Signo: Significado  
Significante

Ou, de maneira menos omissa:

Signo: Conceitualidade restrita (a)  
Descontinuidade  
Diferença

O papel do analista do discurso consiste em relacionar o significado dado, sob a forma de conceitualidade restrita, com a diferença do significante. Noutras palavras, em mostrar o que, utilizando a terminologia de Freud, através dos mecanismos de condensação e deslocamento, se oculta no significado. Trata-se simultaneamente pois de ver a conceitualidade do significado, sintagmaticamente dado, como uma conceitualidade segunda, e de demonstrar as relações entre os componentes da cadeia do significante. Como compreenderemos melhor pela análise concreta posterior, o primeiro passo depende da realização da segunda tarefa. Através deste trabalho, o regime do signo adquire outro feltio:

Signo: <u>Conceitualidade restrita</u>	<u>Conceitualidade restrita</u> (b)
<u>Descontinuidade</u>	<u>Descontinuidade</u>
Diferença	Diferença

É a descontinuidade agora que passa para o segundo plano. Por outro lado, considerando o desenvolvimento anterior, podemos voltar ao produto da transformação (fórmula b) e a lermos de modo mais econômico:

Signo: <u>Conceitualidade primeira</u>	
(Descontinuidade)	(c)
<u>Conceitualidade segunda</u>	

Como teste de nosso desenvolvimento, tomemos um exemplo simples, o da análise freudiana do sonho do besouro (**Maikäfer**). Como sabe o leitor da **Interpretação dos sonhos**, Freud utilizada seus exemplos com uma finalidade ilustrativa, no caso da presença dos mecanismos de condensação e deslocamento. Por isso mesmo suas demonstrações podem ser feitas de maneira bem mais rigorosa. É o que tentaremos.

A cena onírica: A paciente se lembrou que tinha dois besouros em uma caixa e que deveria livrá-los, senão sufocariam. Abriu a caixa e os besouros se mostravam em estado de exaustão. Um deles escapou pela janela aberta; mas o outro foi esmagado, quando, a chamado de alguém, ela fechou a janela.

Na ocasião do sonho, o marido da paciente estava de viagem e sua cama era ocupada pela filha de quatorze anos, que dividia o quarto com a paciente. O motivo imediato desencadeador do sonho fora dado por dois acontecimentos de véspera: a filha lhe chamara a atenção para uma borboleta, que caíra em um balde de água. Não a retirando, encontrou-a morta no outro dia. A filha se encheu de pena. De sua parte, a paciente

\* Sinal de transformação.

estivera lendo um livro que relatava a crueldade de uns garotos para com um gato. Ante o estímulo contextual referido, o sonho se processa. Para sua análise, Freu considera a seguinte série de associações transmitida pela paciente: a) a paciente reflete sobre a crueldade para com os animais — a própria filha que agora lamenta a morte da borboleta, anos atrás pedia à mãe **arsênico** para matar **borboletas** e costumava arrancar suas asas, bem como as dos **besouros**; b) quem vê cara, portanto, não vê coração. A paciente reforça a idéia lembrando a novela de George Eliot, **Adam Bede**, onde surgem uma garota bonita, mas estúpida, e outra feia, mas de bons sentimentos. A duplicação se repete quanto aos personagens masculinos: há um nobre que seduz a tola e um operário, que se comporta com nobreza. A recordação da novela não se dera aleatoriamente: na véspera, ela estivera revendo antigas cartas, entre as quais a de um professor de piano, que a **cortejara**, e a de um admirador de **origem nobre**; c) no mesmo ano em que se casara, houve uma praga de besouros. Furiosas, as crianças os **esmagavam**. Ela, ademais, nascera e se casara em maio (**Maikâfer**) e dias depois do casamento escrevera aos pais dizendo ser feliz, o que não era verdade; d) lamentara-se do mau livro de **Maupassant** que uma das filhas adquirira. Livros desta espécie, pensar, são **veneno**, mas ela própria costumava lê-los quando garota. O fato levou-a a lembrar-se de **Le nabab**, de Daudet, em que **pílulas de arsênico** restauraram a vitalidade do personagem; e) a passagem do sonho em que sentia a necessidade de **livrar** os besouros, associou-se a trecho da Flauta mágica: "Ao amor, não te posso forçar,/ Contudo não te dou a **liberdade**" ("Zur Liebe kann ich dich nicht zwingen,/ Doch geb ich dir **die Freiheit nicht**"), e a outro de von Kleist: "Estás apaixonada por mim como um **besouro**" ("Verliebt ja wie ein **Käfer** bist du mir"). Ainda se aglutinara passagem do **Tannhauser**: "Pois foste animada por um **mau desejo**" ("Weil du von **böser Lust** beseelt..."), os grifos das três passagens são de Freud; f) a paciente se mostrava preocupada com o marido, temendo lhe houvesse sucedido alguma coisa de ruim. Anteriormente, comunicara que ele estava ficando senil. Em sonho anterior, pensara em dirigir ao marido estas palavras: "Vá e se enforque", quando, horas antes, lera que o **enforcamento** provocava **ereção**; g) a paciente sabia que o **afrodisíaco** mais poderoso, a cantárida, é preparada com **besouros esmagados**; h) quanto ao abrir e fechar da janela no sonho, uma das causas de divergência com o marido estava em que ela era aerofílica e o marido, aeróforo. (Os dados apresentados se encontram em Freud, 1900, 289-292).

Freud não se propõe a nenhum exame particularizado deste sonho. O seu propósito era o de reuni-lo com outros mais, com a finalidade de mostrar a presença dos vários pensamentos oníricos que se "traduzem" na imagem dos besouros. Daí que lhe baste dizer, tratando da relação entre crueldade e sexualidade manifesta pelo sonho, que o mecanismo da censura permitia a passagem apenas do primeiro elemento (idem, 305). Sem que isso deixe de se mostrar verdadeiro, a formalização que faremos a seguir nos fará ver melhor o funcionamento da máquina onírica.

CRUELDADE	VENENO (3)	BESOURO (igual ou semelhante a LIBIDO) (2)
<p>a) Objeto de tematização: a filha hoje: apiada-se da borboleta (1) antes: queria envenenar borboletas (1) e matar besouros (2)</p> <p>b) Objeto de tematização: ela própria hoje: recrimina a outra filha por leitura venenosa (3) antes: ela própria lia livros venenosos (3)</p> <p>c) Objeto de tematização: ela e os outros afirmava ser feliz não o era nascera e casara-se em maio em maio havia uma praga de besouros-de-maio (2) esmagados (4) pelas crianças</p>	<p>a) Objeto de tematização: ela e a filha filha: queria dar arsênico às borboletas (1) ela: lia livros venenosos (3)</p> <p>b) Objeto de tematização: poder do veneno (3) restaurador da vitalidade (5) (pílulas de arsênico)</p>	<p>a) Tematização do nome: <b>Maikâfer</b> nascimento e casamento (em maio) praga e crueldade (por esmagamento) (4)</p> <p>b) Tematização do comportamento o apaixonado se comporta como <b>besouro</b> (2)</p> <p>c) Tematização da utilização afrodisíaco (5) por esmagamento (4)</p> <p>d) Tematização numérica dois: um liberto, o outro esmagado (4)</p>

O sonho tematiza as relações entre três figuras nucleares, a da crueldade, a do veneno, a do besouro. O que cada uma delas, entretanto, de fato, significa, não pode ser declarado antes da constituição de suas áreas paradigmáticas e a verificação do modo como se articulam, através de seus componentes.

(No gráfico, os números procuram indicar as relações entre os elementos das colunas. Nem todas as uniões são indicadas porque, sendo a sua finalidade apenas didática, fazê-las exaustivamente criaria um caos visual, que eliminaria o seu propósito.)

O que as três colunas nos indicam? Em primeiro lugar, confirmam a interpretação freudiana. Crueldade e sexualidade estão marcadas como geradoras do sonho, através da figura do besouro, vítima, por um lado, da crueldade infantil e objeto, por outro, da vitalização sexual do adulto. A coluna intermédia, do veneno, funciona como o articulador das colunas extremas, através do significante "arsênico", por um lado, causador de morte, instrumento pois de crueldade, restaurador, por outro, de vitalidade, instrumento pois da libido. A libido é vista como um veneno, algo que o adulto observa com desgosto, em sua vida juvenil, e que vê se repetir na vida das crianças. Causadora de culpa, não é por isso, entretanto, menos fascinante. Seu fascínio, contudo, é trancafiado e nem no sonho a censura permite a sua expressão, a não ser na passagem do sonho anterior e ainda aí disfarçado sob a imagem de punição (a pretensão do enforcamento). Em segundo lugar, a formalização nos permite notar detalhe que, para o propósito de Freud, era irrelevante, mas que se torna decisivo para uma análise do discurso que não se queira apenas ilustrativa. Por que, com efeito, são dois os besouros e diferentes os seus destinos? Porque o sonho tematiza a relação entre dois pares: a) ela (a paciente) e a filha, b) ela (a paciente) e o marido. A metatização do primeiro par é mais explícita, mesmo porque menos censurável. Tanto no seu comportamento, quanto no da filha, ela nota a aplicação da máxima: "quem vê cara, não vê coração". Não é a filha, entretanto, que penetra na cena do sonho, identificada com um dos besouros. Mas sim ela, a paciente, que se vê desdobrada, com uma parte que procura se livrar e a outra, que se sente esmagada. A figura elementar do sonho, a ambigüidade da paciente — mantém um casamento, desde o início insatisfatório — se desloca, estabelecendo a contigüidade metonímica da subdivisão. Prova suplementar é fornecida por dado que só agora invocamos: Freud observa que a "exaustão era o principal sintoma de que ela (a paciente) se queixava na época dos sonhos", enquanto, pelo sonho, os besouros se mostravam, ao ser aberta a sua caixa, exaustos. O esmagamento de um dos besouros e a liberação do outro pertencem pois ao mecanismo de deslocamento, através do qual a paciente se converte em **personagem**, deixando de estar na cena do real, para transitar no universo simbólico de um discurso de re-presentação (sobre os discursos de re-presentação, cf. LCL, 1973, cap. VI). Mas, como depreendemos pelas colunas paradigmáticas, esmagamento metaforicamente remete a ativação da sexualidade, de cuja falta no marido a paciente se lamenta. Assim, pela mesma figura dos besouros, entra no sonho sua relação com o marido. Uma parte sua "voará" pela janela, se algo for devidamente esmagado. Noutras palavras, seu desejo será satisfeito (voará) se o outro a beneficiar pela ação de um esmagamento. Na primeira relação, dela com a filha,

esta não participava da cena onírica e se efetuava um desdobramento. Na segunda, o marido é metonimicamente aludido pelo efeito que dele se pretende (cantárida —) afrodisíaco —) veneno —) libertação). Estabelece-se então a figura da condensação. Ou seja, a libertação sexual e o "sacrifício" do marido são referidos pela figura do besouro esmagado.

Pela argumentação acima mostra-se pois a motivação numérica dos besouros (1), assim como a co-presença dos mecanismos de deslocamento e condensação. Caberia apenas acrescentar que, no caso, domina o deslocamento. A condensação é parte de um processo de visão da própria paciente, que se vê metonimizada (dividida em dois seres contíguos). Como dizia Freud, o sonho é sempre egoísta. Ora, se a condensação é a maneira pela qual o marido é referido, ele o é em função do desejo da mulher, que se identifica, não com o esmagado, mas sim com a duplicidade dos besouros.

Embora a análise apresentada possa ser lida autonomamente, o fato é que a empregamos para mostrar a ordem diversa a que se sujeita então o regime do signo. Ao destacar-se a cadeia do significante, formada pela articulação das colunas paradigmáticas, apreende-se a matriz do sentido — montada aqui sobre a figura dos dois besouros —, a qual é, assim, privilegiada sobre a conceitualidade segunda —, no caso, a associação dos besouros com qualquer das diversas lembranças presentes nas colunas.

Em conclusão, podemos pois dizer que a análise do discurso supõe: a) o advento da lingüística moderna, com Saussure, pelo qual o universo da linguagem já não é pensado em função de um referente. Entre a reflexão anterior, aqui exemplificada pelo exame de Aristóteles, e a aberta por Saussure, não há relação de continuidade; b) o conhecimento e a inversão da perspectiva lingüística, através do distinto tratamento a que se submete o regime dos signos. Se a lingüística examina os signos sob a cadeia do significado, onde o significado se confunde com uma conceitualidade restrita e o significante com o suporte formal daquele —, a análise do discurso os descobre sujeitos à cadeia do significante, onde o significante é a matriz portadora do sentido e o significado, a marca de uma conceitualidade segunda, a única que se deixa visivelmente ler, por ser a única parcela tolerada pelos mecanismos de censura. Neste sentido, concordamos com a afirmação de Elisabeth Roudinesco, tal como G. Deleuze a apresenta: "... a teoria de Lacan deve ser menos Interpretada como uma concepção lingüística do inconsciente do que como uma crítica da lingüística em nome do Inconsciente" (in Deleuze, 1972, nota 61, 247).

(1) Contra o hábito de se interpretarem as duplicações como mero propósito de embelezamento estético, Lévi-Strauss já demonstrava a função lógica desempenhada pelas mesmas, seja no interior das palavras, seja no interior do discurso mítico (cf. Lévi-Strauss, 1964, 345-6).

Caberia por fim mostrar a repercussão que a análise do discurso, assim concebida, poderá ter dentro de uma filosofia da educação ou, mais especialmente, no âmbito do ensino das ciências sociais, que, por serem ciências (ou saberes) que a todo instante lidam com discursos, não poderiam continuar a desconhecer o desenvolvimento de uma pesquisa que não importa apenas para o âmbito regional, seja da psicanálise, seja da antropologia, seja da teoria da literatura. Pois, na verdade, o primeiro efeito prático da análise do discurso é mostrar as deformações em que recaímos por mantermos, compartimentalizadas, áreas que precisam abrir suas janelas. Fazê-lo entretanto exigiria por certo a colaboração doutros colegas.

#### Referências bibliográficas

- BACHELARD, G. (1938). *La Formation de l'esprit scientifique*. Cito a 5.<sup>a</sup> edição, Paris, J. Vrin, 1967
- CHOMSKY, N. (1966). *Topics in the theory of generative grammar*. Cito a transcrição in *Chomsky: selected readings*, Londres, Oxford University Press, 1972
- DERRIDA, J. (1971). "La mythologie blanche", in *Poétique*, 5, Paris, Seuil,
- FREUD, S. (1900). *Die Traumdeutung*. Cito a trad. de J. Strachey: *The Interpretation of dreams*, Londres, Allen and Unwin, 1967
- LÉVI-STRAUSS, C. *Le cru et le cuit*, Paris, Plon, 1964
- LIMA, L. Costa. *Estruturalismo e teoria da literatura*, Petrópolis, Vozes, 1973
- SAUSSURE, F. de (1916). *Cours de linguistique générale*, Paris, Payot, 1965
- VERNANT, J.-P. (1962). *Les origines de la pensée grecque*, Paris, PUF, Cito a trad. I. L. Borges, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972